

ALJUBARROTA

Drama histórico em verso, em 4 actos de RUI CHIANCA. Publicado em 1913.

Representado pela primeira vez no Teatro República em 12 de Dezembro de 1912.

[...]

Três cenas: Estrada, com um arco de pedra. Casinhoto arruinado; um atalho de moitas; uma casa pequena muito branca com uma escada exterior que conduz ao patamar da entrada com um telheiro de duas colunas (1.º e 4.º actos); um ângulo da capela do convento de Santa Maria da Vitória (2.º acto); sala no mosteiro da Batalha (3.º acto). Acção «no ano da Redenção de 1401».

O jovem Fernão, órfão que foi criado por Afonso Domingues, mestre arquitecto do mosteiro da Batalha ama a neta deste, Leonor, que lhe diz só poder amá-lo como a um irmão. Afonso Domingues está cego e sofre ao ver que o rei, D. João I, entregou a conclusão do mosteiro a outro artista, mestre Houget. Frei João visita Afonso, a quem exprime a admiração do rei. Acompanha-o um jovem fidalgo, Dom Álvaro de Almada, que ama Leonor e a quem esta corresponde. A ausência da corte de Nun'Álvares é lamentada por D. João I, ressaltando a rivalidade do guerreiro com o jurista, João das Regras. Mem Rodrigues recorda a batalha de Aljubarrota quando se apresenta Nun'Álvares, com os seus homens, para de novo combater os castelhanos. Ouve-se um enorme estrondo: foi a abóbada do mosteiro, erguida sob a orientação de Houget, que desabou. D. João entrega de novo a construção do mosteiro a Afonso Domingues. Leonor, que é também amada pelo infeliz Bufão, acaba por ficar noiva de Fernão. Afonso Domingues permanece durante três dias, sem comer nem dormir, sob a abóbada para assim provar a sua solidez. Quando o trazem junto do rei, morre, depois de afirmar que a abóbada «não cairá jamais», pois «na gélida frieza / do mármore palpita a carne portuguesa».

Luiz Francisco Rebello. *100 anos de teatro português (1880-1980)*. Porto: Brasília Editora, 1984, p. 142.

Autorização de utilização por despacho de 28/06/2017 emitido pela Senhora Diretora Geral do Património Cultural Arqtª Paula Silva.